

Pobres e negros são mais afetados por cheias no RS

Enchentes do RS atingiram proporção maior de pobres, negros e menos escolarizados

% das entrevistadas que, por causa das enchentes:	População geral das cidades atingidas			Por escolaridade			Por renda familiar			Por cor		
		Ensino fundamental	Ensino médio	Ensino superior	Até 2 sal. min.	De 2 a 5 sal. min.	De 5 a 10 sal. min.	Branco	Pardo	Pretos		
Perdeu algo	33	46	29	26	47	23	13	26	40	52		
Perdeu eletrodomésticos	20	30	16	14	27	15	6	14	33	28		
Perdeu fonte de sustento como emprego ou empresa	20	26	17	18	30	11	7	18	17	27		
Perdeu móveis	20	29	16	16	27	16	6	14	31	30		
Perdeu a casa	6	13	3	1	11	1	3	4	9	11		
Perdeu automóvel	3	4	2	2	4	2	0	2	1	5		
Não perdeu nada	67	54	71	74	53	77	87	74	60	48		

Fonte: Pesquisa Datafolha com 433 entrevistados do RS cujas cidades foram atingidas pelas enchentes, realizada entre os dias 17 e 22 de junho

Enchentes do Rio Grande do Sul atingiram mais pobres e negros

Pesquisa Datafolha mostra que populações mais vulneráveis relataram perdas mais frequentes

Tullio Kruse e Felipe Prestes

SÃO PAULO E PORTO ALEGRE — População mais pobre, negra e com menor escolaridade é aquela que mais sofreu perdas de patrimônio e de renda nas enchentes dos últimos dois meses no Rio Grande do Sul. É o que mostra uma pesquisa Datafolha que ouviu grinchos sobre os efeitos do que é considerado o maior desastre climático na história do estado.

Nas cidades atingidas pelas inundações, quase metade (47%) das famílias que ganhavam até dois salários mínimos respondeu ter perdido casa, móveis, eletrodomésticos ou o próprio sustento —na forma do emprego ou da própria empresa. Já entre aquelas que ganhavam de cinco a dez salários, só 13% relataram algum tipo de prejuízo.

Além disso, mais da metade (52%) dos pretos nos municípios afetados relatou algum tipo de perda com as enchentes. Entre os pardos, 40% responderam que teve algum tipo de prejuízo. Entre a população branca dessas mesmas cidades, a proporção de entrevistados que relatou alguma perda material ou de renda é de 26%.

O Datafolha reforçou as entrevistas no Rio Grande do Sul para conseguir um enfoque mais preciso na população atingida. Com 567 entrevistas no estado, a margem de erro máxima para essa amostra é de 4 pontos percentuais para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%.

Para a região metropolitana de Porto Alegre e a margem de erro é de 5 pontos, e nas cidades gaúchas do interior é de 7 pontos.

Em comparação com brancos e pardos, os pretos são o único grupo que destoou da média da população quando responderam se tiveram de deixar suas casas durante as enchentes. Enquanto 14% dos grinchos

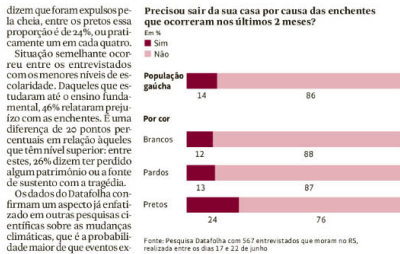


Elisandra Machado e a filha Sophia em frente da casa que ficou alagada. Carlos Medeiros/Folhapress

dizem que foram expulsos pela cheia, entre os pretos essa proporção é de 24%, ou praticamente um em cada quatro.

Situação semelhante ocorreu entre os entrevistados com os menores níveis de escolaridade. Daquelles que estudaram até o ensino fundamental, 46% relataram prejuízo com as enchentes. É uma diferença de 22 pontos percentuais em relação àquelles que têm nível superior: entre estes, 26% dizem ter perdido algum patrimônio ou a fonte de sustento com a tragédia.

Os dados do Datafolha confirmam um aspecto já enfatizado em outras pesquisas científicas sobre as mudanças climáticas, que é a probabilidade maior de que eventos ex-



tremos atingiam mais as populações já vulneráveis do ponto de vista socioeconômico.

O arquiteto e urbanista William Mog, assessor técnico do Ministério Público gaúcho, diz que a proporção maior de pobres, pardos e pretos entre os afetados por tragédias semelhantes é um padrão nacional pela dificuldade de acesso dessas populações à moradia formal.

“Essas famílias não poderiam estar nessas áreas, à beira de rios ou em encostas de morros, pela legislação ambiental. O fato de estarem ali é um indicativo de que elas não têm condição de entrar no mercado imobiliário formal, não têm dinheiro para isso”, ele diz.

Entre os dados mais preocupantes está a perda do emprego ou da própria empresa, entre os mais pobres. É comum que o local ou instrumento de trabalho esteja diretamente ligado à residência no mercado informal. É o caso de costureiras que têm suas oficinas em casa, cozinheiras e confeiteiras que dependem da própria cozinha, os entregadores e motoristas que perderam carros e motocicletas.

Entre aqueles que têm renda familiar de até dois salários mínimos, 30% disseram ter perdido a fonte de sustento. Já entre os entrevistados com renda de cinco a dez salários, 7% dizem ter perdido o emprego ou a própria empresa por causa da enchente.

A margem de erro na mostra do Rio Grande do Sul para recortes de renda varia de 7 a 8 pontos. Já no estrato racial varia de 6 a 12 pontos.

O Datafolha também mostra que moradores da capital e da região metropolitana foram mais afetados do que as cidades do interior. A diferença é de dez pontos percentuais: 36% na Grande Porto Alegre dizem ter perdido patrimônio ou renda, contra 26% nas demais regiões.

Além disso, na população gaúcha como um todo, mães relatam prejuízos com as enchentes em maior proporção. A diferença ocorre principalmente no caso da perda do emprego ou das bases de sustentação da própria empresa: 27% das mães grinchas entrevistadas disseram ter perdido o próprio sustento, e 17% dos homens responderam o mesmo.

Elisandra Machado Silva, 42, que frequentou a escola apenas até a 2ª série, perdeu o trabalho que tinha, como babá de duas crianças, por conta da enchente e hoje não tem nenhuma renda.

“Eu não consegui mais ir pro trabalho. A gente teve que ir para um abrigo, que era longe da casa onde eu trabalhava. E também não podia deixar minha filha sozinha no abrigo. Então meu ex patrão disse que teria que arumar outra pessoa”, disse.

Também moradora da Vila Nova Brasília, ela passou um mês em uma escola Morro Santana, a cerca de oito quilômetros de onde morava.

Depois que o abrigo fechou, foi para um apartamento emprestado por um familiar. A volta de Elisandra e da filha para casa ocorreu há uma semana, convivendo com lodo e entulhos ainda não recolhidos no entorno, além da falta de estrutura dentro de casa.

Mogressalla que, neste ano, as inundações não se restringiram a áreas de risco atingiram vários bairros de ocupação formal, inclusive de classe média alta. Os maiores prejuízos, no entanto, se concentraram em áreas mais pobres.

A legislação brasileira, ele lembra, já prevê que áreas de risco sejam desocupadas e ganharem novos usos que nos moradias para grupos vulneráveis tenham acesso a infraestrutura de transporte e serviços, mas o poder público tem dificuldades de transformar essas regras em realidade.

“É preciso assegurar que essa população vá para áreas seguras, com acesso à infraestrutura, e a área desocupada pode ter seu uso alterado, pode se transformar num parque”, diz. “Com isso, não só essas populações pardas, pretas e de baixa renda vão ser beneficiadas. Toda população vai ser beneficiada.”

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Página: 1